



A Ilustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco, C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Bekdemunio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pitha Gerasio Lobato; D. G. Torreão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro, Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Barba azul*, conto, trad. de D. Guiomar Torreão;—*O livro de um preto*, por Pinheiro Chagas;—*Ultimos adeuses*, versos, por Ham da Luz;—*El rei D. Manuel*, por Alberto T. l. s.;—*Aspiração*, conto, por Margarida de Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*A Noite de Maio*, versos, trad. d'Assis de Carvalho;—*Pensamentos e aporismos*;—*Em familia (Passalempo)*;—*Espediente*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Poemas em prosa*, por Eugenio de Castro

GRAVURAS:—*General Le Fló*;—*Conde de Ferreira*;—*Uma scena de «Hamlet»*;—*Modas*;—*Egreja da Nazareth*.

CHRONICA

Não é, positivamente, de condição a deixar saudades, este maldito anno de 87, que, por fortuna, está prestes a sumir-se. A mim não as deixa elle, nem muitas nem poucas.

Pode-se ir embora d'uma vez para sempre, na certeza de que não heide resar-lhe responsos por alma,—se é que tinha alma, o scelerado!

Na hora extrema da sua existencia, quando a ultima badalada da meia noite de 31 de dezembro soar, despedir-me-hei d'elle fazendo-lhe uma figa torta, a mais torta que das minhas mãos tem sahido.

E talvez me não contente só com uma. O patife merece figas aos pares, porque aos pares se comprazeu em espalhar calamidades, escandalos e terrores durante toda a sua negra vida de bandido.

Provavelmnete, da forja do tempo, em que Satanaz dá ao folle e os diabos subalternos martellam, ha de sair outro anno ainda peor, obra mais bem acabada.



GENERAL LE FLÓ

Porque isto d'annos é como os ministerios. O que se levanta, excede quasi sempre em manhas e ardeirices o que cae. Quando a gente pensa benzer-se, quebra o nariz.

Mas emfim, enquanto o pau vai e vem, folgamos as costas, no dizer do proloquio popular, e talvez que até o 88 deitar as mãosinhas de fóra, na pratica d'alguma gentileza mais grossa, haja tempo para que as costas da humanidade folguem um pouco das pauladas do 87 quasi extincto.

Tem-n'as dado fortes e rijas, o maroto. Verdadeiras pauladas de cego, com marmeleiro ferrado. A Bulgaria que o diga; que o diga a pacata Inglaterra, a forte Allemanha. Que o diga a França de Grévy e de madame Limousin. Que o diga o mundo inteiro. Que o digamos nós e o sr. Emygdio Navarro e o seu *chalet* sem estuques nem pavimentos.

Ha annos de fome e de peste; annos de cancan e de patuscada. Este, que está quasi chegado ao seu occaso, tem sido um anno assassino, desordeiro, fabricante de *chantages*, demolidor de Republicas, desthronador de realezas, conselheiro de negociatas pouco limpas, espirito santo d'orelha de patifarias grossas, pregoeiro de escandalos graudos. Inventou o sr. Hersent e as suas celebradas cedulas *pour la reussite de l'affaire*. Deu-nos as obras do porto de Lisboa com todos os seus mysterios tenebrosos e indecifráveis. Arrebatou-nos o que ahi havia de bom e de honesto na politica, deixando a ralé tripudiar á redea solta, sem rei nem roque, no caminho dos syndicatos e das alicantinas.

E' verdade que nos deixou o sr. Oliveira Martins, da *Provincia*, para chorar tristes nenias sobre a corrupção dos modernos tempos. E vale nos isso. Se não fóra elle —o catão, o puro—, Portugal já teria sido riscado do mappa das nações ou mandado todo de presente para a costa d'Africa.

Uma quadra de mil demonios!

Na Allemanha, que vendia saude e força e longevidade e canhões d'aço, o imperador Guilherme deixa-se afinal morrer; não póde mais. N'aquella velha candeia, que assoberbou a Europa inteira com a intensidade do seu brilho, ha só um pingo d'azeite, do qual brota apenas uma luz mortica e bruxuleante, pallido reflexo de fulgores extinctos. O Kronprinz agonisa, com um tumor canceroso na garganta. A imperatriz Augusta, ferida em pleno peito por estes dois golpes formidaveis, sente a paralytia apoderar-se-lhe do corpo e do cerebro. Bismarck, o forte Bismarck, padece de rheumatismo gottoso como qualquer simples mortal, e tem os seus dias contados, como contados são os cabellos que alvejam sobre aquelle vasto craneo prodigioso e escaldado.

De todo aquelle poder colossal, de todo aquelle vigor germanico que domava as nações, de toda aquella familia d'imperadores e principes, que parecia desafiar impavidamente os estragos do tempo, só resta de pé o principe Guilherme, um moço de comp'eição fraca animo irrequieto, inimigo irreconciliavel da França e de Bismarck, dado a aventuras galantes com as mulheres do *demi-monde*, coração ligeiro e cabeça mais ligeira ainda, que não escutará conselhos e que não terá, por desgraça, quem lh'os ministre.

Na Inglaterra, a fome cresce dia a dia, ululando sinistradamente pelas ruas e pelas praças. A falta de pão traz consigo a falta de respeito pelos poderes constituídos. Quando a miseria entra as portas, todos os sentimentos bem e da virtude escapam-se pelas janellas. D'ahi, as scenas sangrentas de Londres, que quotidianamente se succedem em Trafalgar-Square.

Na França... póbre França!

Ha factos que custam a digerir, por mais que o nosso espirito procure aceital-os em toda a sua realidade tristissima e assombrosa. No entanto, a realidade impõe-se-nos d'esta vez, e é forçoso, afinal, que acreditemos n'ella.

Diante d'um *complot* tramado na sombra por mulheres de má nota, politicos de consciencia negra, republicanos d'alma suja e especuladores de baixo estofa, a Republica vê cair o seu governo, assiste á demissão do seu presidente, debate-se ao mesmo tempo com uma crise ministerial, com uma crise presidencial, com uma crise financeira, com uma crise revolucionaria, e, peor do que tudo isto, com a crise da opinião, em que se arrisca a ir por agua abaixo o regimen parlamentar, unica e ultima salvaguarda da Republica e da liberdade.

Quem provocou tantas coisas? Uma simples mulher, uma aventureira, uma Limousin, uma especie d'Antonia Moreno, ainda mais esqualida, mais velha e mais torpe!

Diante d'esta megéra ignobil, d'esta réles pythonisa do *Chat-Noir*, todo o edificio republicano cae por terra; dois generaes illustres ficam para sempre deshonorados; Daniel Wilson afunda-se na lama; o ministerio Rouvier abandona as pastas; a policia avilta-se; o exercito estramece; a justiça sobressalta-se; o Elyseu emporcalha-se; o palacio Bourbon oscilla; as instituições enxovalham-se, e Grévy, o velho Grévy burguez e honrado, cae, de chofre, sobre toda esta montureira pestifera, para nunca mais se levantar.

Triste!

E enquanto isto se passa, enquanto a Communa afia as garras d'abutre, enquanto a Revolução se prepara, querem saber o que faz a Limousin impune? Vae exhibir-se, como *dame de comptoir*, a quarenta centimos o *bock*, n'um café da rua Clichy, onde promete atrair o mundo politico e artistico, os curiosos, os *badauds*, a magistratura e o exercito.

—Farei do meu café um centro, diz ella. Os homens politicos virão consultar-me. Terei o meu salão, onde hão saber-se bonitas coisas do pae Grévy, porque eu ainda não disse tudo... O descredito do presidente será á *great attraction* do estabelecimento. Na contra-loja venderei condecorações.

E a policia consente e protege-a. E a imprensa applaude-a. E as justiças não a mettem d'uma vez para sempre em S. Lazaro.

Porque afinal, a policia, a imprensa e as justiças são o mesmo em todos os paizes do mundo. Lá e cá, más fadas ha.

Olhem-me para o caso Hersent, que, se não era de natureza a abalar as nossas instituições, era, pelo menos, de feição a fazer estremecer nos seus fundamentos o nosso governo.

E o nosso governo nem cambaleou. Os apitos da policia emmudeceram. A imprensa calou-se, mudou de rumo, e anda agora a discutir a authenticidade e a legitimidade do tratado de Aguassum, a occupar-se, com entranhado amor, da pessoa do Xáxá de Dahomé, deixando em doce paz os Xáxás do porto de Lisboa.

Pelo que toca ás justiças da Boa Hora, essas *julganses incompetentes* para proceder ao inquerito sobre o caso. Claro como agua.

E os Caffareis indigenas, como o Iago da peça, mettem dinheiro na bolsa. Fazem elles muito bem. Nunca o sr. Hersent lhes dôa.

BARBA AZUL

(Hugues Leroux)

No véranda enlçado pelas trepadeiras, pelas bonitas lianas de Sumatra, flexiveis como braços de mulher, o general Kinden conversa com o seu velho amigo Pittius.

A despeito do calor tropical, o general está abotoado na sua tunica de ordenança, vergando nos hombros sob o peso das dragonas de oiro.

—Vejam, Karl-tje Pittius, estás disposto a provar que és um rapaz de juizo?

—O que queres tu que eu faça, Kinden? voltou o gordo celibatario amsterdano, vermelho e branco, no seu fato de cotim, como uma sandwich de presunto.

—Quero que te cazes, Karletje.

E por entre a grossa gargalhada do negociante, o general proseguu, sem se alterar:

—Conheço no paiz d'Atché um rajah, que faz tudo quanto eu quero. O rajah tem tres filhas; pedi as duas mais velhas em casamento, para dois camaradas. E' mister que elle te dê a mais, nova.

—E'tás a mangar commigo, meu velho!

—A pequena, voltou o general, impassivel, possui um dote de duzentas mil rupias.

As pestanas loiras da Karletje estremeceram.

—E... , pelo menos, tem diamantes no valor de cinquenta mil rupias.

Houve um minuto de silencio. Em seguida, o general deixou cair, lentamente, estas palavras:

—Como vés, é um negocio magnifico.

As veias da testa de Karletje incharam, como varizes, e o esforço da reflexão congestionou-lhe, violentamente, a face rubra. Por fim, disse com um suspiro:

—Impossivel. Ainda não calculaste o effeito que eu produziria, apparecendo na minha terra com esse sagui, e alojando-o na minha casa?

O general encolheu os hombros.

—Não te incomodará por muito tempo.

—Que queres dizer?

—Quero dizer que a humidade dos nossos canaes dá cabo das pobres filhas dos selvagens.

O olhar de Karletje seguiu a linha remota da paisagem, deslizando sobre o oceano indio, que começava na extremidade dos jardins da Residencia, perdendo-se em um fluid de oiro.

Depois, abriu a bocca e deixando cair a mão na perna do general, exclamou, com um bom sorriso nos seus olhos azues, puros como olhos de creança:

—Scelerado! Que idéas tu tens!...

Grande festa em casa do rajah Toukroulong, que casava a sua filha mais nova, Ra-mi-ra, com o acreditado negociante de Amsterdan, Karl van Pittius.

Armou-se uma enorme barraca, defronte do pavilhão real. Ahí, assentado em uma poltrona de madeira preta e doirada, o novo genro do rajah exhibe o seu espadado busto, vestido de cotim branco, a sua cabeça coberta com um capacete de cortiça, enfeitado com um veu de cambraia. A' esquerda de Karletje, está assentado o rajah. Em homenagem á solemnidade do dia, traja um fato á Luiz XV; de vez em quando, manda que lhe tragam um espelho e admira-se gravemente.

Com as pernas cruzadas, a pequenina noiva enroscava-se sobre uma esteira, aos pés de seu pae e seu esposo. Sob as calças de seda azul, veem-se-lhe os tornozelos cingidos de manilhas de oiro. Os pantufos de plumas de colibri, são guarnecidos de diamantes; tem diamantes nos cabellos, nas crelhas, illuminando com um fulgor de luar a sombra ondeante da sua garganta.

Mas sempre que Ra-mi-ra se volta, encostando a nuca aos joelhos de seu pae, levantando a barba para sorrir, sempre que as pestanas descobrem os seus olhos, dir-se ia que a faiscação dos diamantes se apaga.

A noiva fez dez annos. Já não é uma creança: os seus braços teem contornos arredondados, as suas finas pernas parecem fusos enrolados em seda, as florescencias da sua garganta estrellam a charpa de crepe da China; entretanto, Ra-mi-ra é tão pequenina, tão leve, que se poderia embaloçar a sua rede com o sopro de um leque.

Ra-mi-ra contempla as baiadeiras, ri e bate palmas.

Atravez das cortinas levantadas, avistam-se velas brancas vogando no rio, veem-se ondular os campos de cannas de assucar, e a floresta estremecer na sua cabelladura de arvores...

E' a hora do contrato.

Os antigos da tribu trazem rupias de oiro em jarras selladas com lacre, e por baixo do acto ritual, a Toukroulong colloca

o sinete de cobre, onde um cinzelador gravou outr'ora, em caracteres arabes, a divisa dos rajahs d'Atché:

«Fidelidade aos amigos.»

A velha casa, penetrada de um bafio asphixiante e morno, sombria por detraz dos seus vidros de côres, onde antigamente não se ouvia senão as retumbantes passadas de Karletje e a bacharellice de tres creadas, vibra agora, repercutindo gritos agudos e alados.

Durante todo o dia, sóbe e desce a escada um pequeno ser agil, pulando em um ruge ruge de sedas, e de cada vez que o pesado martello esculpido resoa na porta, as visitas veem, com assombro, ao entrarem, uma estranha figurinha côr de oiro, pendida sobre o corrimão de ferro.

Falla-se d'isso, á noite, na cervejaria.

Já viste a macaquinha de Karletje? perguntam os homens uns aos outros. E todos esses graves bebedores de cerveja, despregam os cachimbos dos dentes, pasmando ao ouvirem as boas historias que se contam.

—Segundo parece, suspenderam-lhe do tecto do quarto um trapezio com cordões de seda. Ella baloiça-se todo o dia, com os olhos fechados, cantando arias do seu paiz.

E os gracejos assaltam todas as noites o gordo Karletje, quando elle vem abancar com os amigos.

—Então como vae a senhora van Pittius?

O espesso amsterdanense ri perdidamente e, primeiro do que ninguem, simula fallar de Ra-mi-ra, como se se tratasse de um bonito animal exotico.

—Não me lastimem! responde. Ella enche-me o cachimbo de tabaco, melhor do que eu.

Mas o que Karletje não diz é que, á noite, quando recolhe a casa, aboerado de cerveja e de fumo, em vez de ir deitar-se, como antigamente, elle, o obeso celibatario, o egoista, sóbe nos bicos dos pés até ao quarto do primeiro andar—o antigo quarto das creanças,—onde dorme Ra-mi-ra, deitada em um pequeno leito, quasi um berço, sob a vigilancia de uma antiga creada. O braço doirado pende-lhe para fóra da cama, e do pulso, agora um pouco magro, escorrega o bracelete de oiro e pedrarias. Um circulo violaceo desce dos olhos sobre a face de Ra-mi-ra.

Curvado, com o castiçal na mão, o rubicundo rosto vermelho pendido para o rosto de oiro, Karletje contempla o traço roxo, e com o coração pungido de inquietações, murmura:

—Talvez seja a sombra das pestanas!

Os sinos repicam lentamente.

A noite de Natal vai ser frigidissima. A neve ainda não cessou de cair! Corôa as esculpturas, as rosaceas, as estatuas, os animaes symbolicos, e toda a igreja parece um esqueleto embrulhado em um sudario.

Defronte, a grande janella da casa van Pittius, estende sobre a neve uma faxa de luz.

Por detraz da vidraça, reclinada em um divan, sob uma montanha de pelles e de almofadas, uma creança treme de febre e de frio. Na sombra, dois olhos negros crepitam, mais negros do que a pelle de urso sobre a qual o franzino corpinho está enroscado.

Em cima da meza, accumulam-se os frascos de remedio. A creada chora. Karletje está assentado junto do divan; estreita nas suas grossas mãos a pequenina mão febril, e no seu rosto pallido lê-se, ao fitar o medico que ausculta a enferma, uma profunda dôr, de uma sinceridade, de uma candura infantil.

—Doutor, salve-a; leval-a-hei a Nice, reconduzil-a-hei a Sumatra.

O medico abanou a cabeça, parecendo dizer:

—E' tarde.

Depois de um aperto de mão, o doutor saiu. Karletje curvou-se para a doente, que lhe indicou, suavemente, um livrinho, aberto sobre a pelle do urso.

Elle adivinhou.

—Queres que te leia outra historia, Ra-mi-ra?

As longas pestanas respondem «sim.»

Ra-mi-ra mal comprehende esses contos de fadas, escriptos em uma lingua, (que ella balbucia apenas), para os filhos do paiz da neve; mas, vagamente, presente que tratam de aventuras maravilhosas e gosta do som da voz de Karletje.

Karletje pegou no livro. Lê o titulo:

«Barba-Azul.»

Emquanto Ra-mi-ra se volta um pouco e baixa as pestanas, sentindo que o somno vai chegar, o gordo Karletje começa com voz tremula de lagrimas:

«Era uma vez um mau homem, que desposava as mulheres para as fazer morrer e para enriquecer á custa dos seus bens.»

E atravez de um sorriso, a alma-flor de Ra-mi-ra partiu para o céu.

GUIOMAR TORREZÃO.

O LIVRO DE UM PRETO

Acaba de apparecer em Inglaterra um livro que nos interessa profundamente, na nossa qualidade de nação colonial e sobretudo de nação colonial africana. Esse livro modernissimo, porque foi publicado no corrente anno de 1887, intitula-se *Christianity, Islam and the Negro Race* ou o *Christianismo, o Islam e a raça negra*. Foi editado pela casa Whittingham, e tem por author o sr. Eduardo W. Blyden, ministro plenipotenciario da republica da Liberia em Londres. E' pois um preto o seu auctor, preto illustrado, intelligente, instruidissimo e conservando pela raça a que pertence o mais nobre e energico affecto. A uma nação que tem que lidar tanto com a raça preta como nós temos, não pode ser indifferente a opinião que, acerca dos seus irmãos de cor, formula um preto.

Digamos primeiro que tudo algumas palavras a respeito do author.

O sr. Eduardo Blyden é um preto das Antilhas. Nasceu na ilha de S. Thomaz ou de S. Thomé, pertencente aos Dinamarquezes, e que se não deve confundir com a ilha de S. Thomé pertencente aos portuguezes e que fica no golpho da Guiné.

Desejando viver com os seus irmãos em terra onde elles governassem, Eduardo Blyden partiu aos 17 annos para a republica da Liberia, fundada na costa africana, debaixo da protecção dos Estados Unidos, por alguns pretos libertos. Foi effectivamente residir para Monrovia, a capital da republica liberiana, começou por entrar no professorado de um collegio dirigido por um missionario, e passou depois a dirigir um collegio fundado pelo governo republicano. Como podemos imaginar, não abundam na Liberia os estadistas, por isso tambem Blyden não tardou a ser nomeado ministro e secretario d'Estado, depois ministro plenipotenciario da republica em Londres, e, finalmente, nos ultimos tempos era candidato á presidencia. Nos intervallos viajara muito, e adquirira o conhecimento do mundo e as luzes necessarias para poder advogar perante a Europa, com energia e bom senso, a causa dos negros.

No seu livro ha muito que aprender, e a sua leitura, devemos confessar-o, enche de orgulho um Portuguez. A obra de Blyden é escripta em inglez, não só porque é essa a lingua official da republica da Liberia, mas tambem porque foi ingleza a educação que elle recebeu.

Comtudo o sr. Blyden falla e escreve correntemente umas poucas de linguas modernas, e está longe de ser hospede no latim e no grego. O inglez é porém a sua lingua adoptiva, e em inglez é que elle se queixa do desprezo que esses suppostos negrophilos votam aos pretos, desprezo que não existe em Portugal, e que, pela sua ausencia, constitue uma das nossas grandes qualidades de africanistas.

Cita o sr. Blyden no seu livro, a esse respeito, algumas anedoctas curiosas. Lembraremos só a historia d'aquelle americano do Norte, que dizia á grande actriz Sarah Kemble:—Não posso commover-me com os infortunios de Desdémona. Uma mulher que se apaixona por um negro, merece ser estrangulada com um travesseiro.

O dito porém do famoso historiador inglez Freeman não deixa de ser caracteristico na sua forma cruelmente humoristica. Dizia elle que, por mais que fizesse, lhe era impossivel considerar um preto como um homem e muito menos como um irmão. Acrescentava que o seu ideal seria que nos Estados Unidos cada Irlandez matasse um negro, e, em castigo d'esse crime, fosse enforcado. Era, como se vê, um methodo simples de resolver a questão irlandeza, e de dar descanso ás sociedades de *Anti Slavery*.

Pode dizer-se que isto é uma saida apenas; mas a verdade é que em Inglaterra as sociedades protectoras dos negros tem verdadeiramente um character de sociedades protectoras dos animaes. Percebe-se bem que um preto do valor do sr. Blyden consagra a estes protectores um odio tão profundo como o que consagra aos antigos negreiros.

O sr. Blyden revolta-se energicamente contra essa desdenhosa protecção. Apesar de todas as palavras sonoras de emancipação de negros, de terminação da escravatura, etc., etc., o que é certo é que os professores e os prégadores nos Estados Unidos não fazem senão inculcar aos pretos a superioridade da raça branca, e inspirar-lhes o sentimento da propria abjecção. E tanto o conseguem, diz o sr. Blyden, que ouviu elle proprio n'uma reunião religiosa em New-York um preto rogar a Deus que estendesse sobre a assembléa as suas mãos brancas como açucenas. O seu ideal de perfeição é transformarem-se em brancos. Ora, acrescenta o escriptor liberiano, toda a educação que não dá ao homem, quer seja preto, quer seja branco, o sentimento da sua propria dignidade, é uma educação aviltante, e que deve ser energicamente repellida.

O futuro da Africa para os Inglezes não está na civilização da raça negra, está na sua extincção. Elles entendem que o negro pode desaparecer, como vão a pouco e pouco desaparecendo os leões e os tigres. Esse ideal encontra-o o sr. Blyden perfeitamente definido n'um trecho igualmente humoristico de um escriptor inglez, o sr. Winwood Reade. Os negros hão de desaparecer, diz elle.

«Mas, acrescenta, a posteridade grata há de amar a sua memoria. Quando estiverem estabelecidos hotéis ao pé das fontes do Nilo, quando fôr moda navegar em yacht nos lagos do grande Plan'alto, quando os cockneys de Tonbuctu tiveram os seus jardins de chá nos oasis do Sahará, quando um perfeito *gentleman*, construindo casas de campo na Africa Central, tiver as suas Tapadas de elephantes e os seus reservatorios de hippopotamos, algum .s jovens *ladies*, sentadas á sombra das palmeiras em bancos portateis, derramarão lagrimas ao lerem algum romance intitulado o *Ultimo Negro*, e o Niger virá a ser um rio tão romantico como o Rheno».

Ora o sr. Blyden suppõe esse ideal tão querido do coração sensível dos Inglezes um pouquinho irrealisavel. Entende que a Africa ha-de pertencer sempre aos pretos, que nunca os Europeus alli conseguirão acclimar-se, e que o negro, esse homem «do amor, do soffrimento e do canto» como elle lhe chama, é essencialmente susceptivel de progresso e de aperfeiçoamento.

Observa, porém, uma coisa, e é para isso que chamamos especialmente a attenção dos nossos leitores, observa que nem o missionarismo catholico, e muito menos ainda o protestante, consegue verdadeiramente captar o negro, ao passo que o missionarismo mahometano converte á sua religião populações inteiras. Este facto é verdadeiro, e nunca tinha sido posto bastante em relevo. O padre catholico baptisa negros sem conto, mas no dia seguinte áquelle em que se ausentar, os pretos voltam ás suas superstições e ao seu fetichismo, ao passo que os pretos que se fazem musulmanos, musulmanos ficam sendo.

Qual é o motivo d'isto? O sr. Blyden explica o da seguinte fórma:

No dizer d'elle, o preto que se converte ao christianismo fica sendo sempre aos olhos dos brancos um ente inferior, ao passo que o preto que se converte ao mahometismo fica logo, por esse facto, igual a qualquer outro mahometano. Mostrando que o mesmo succede na India, nota o seguinte: Um paria que se converte ao christianismo, fica sendo paria; um paria que se converte ao mahometismo pôde até ser rei do paiz em que viveu desprezado.

Ora n'este ponto engana se o sr. Blyden, e engana-se porque vê as coisas atravez do prisma da orgulhosa civilização ingleza. Comnosco por exemplo não acontece lo mesmo. E' certo, é evidente que na patria do sr. Freeman morreriam todos a rir se se lembrassem de ver um preto figurar nas listas da nobreza do reino unido, que debaixo do regimen inglez os Hindús não podem aspirar senão a certos logares inferiores na administração, que podem ser condecorados mas com uma ordem especial para elles, e que nem passaria pela cabeça da rainha de Inglaterra conferir a ordem do Banho ou a da Jarreteira a um rajah da India, nem mesmo ao Nizam, que acaba de dar ao governo de Inglaterra, em pura daviva, a somma enorme de 60 laques de rupias. Entretanto, Portugal tem já dois barões pretos: o barão de Cabinda e o barão de Agua-Izé, commendadores negros, e, se não morre tão cedo Francisco Luiz Gomes, indio de nascimento e de raça, viria muito provavelmente a figurar na organização de algum ministerio portuguez.

Se ha raça portanto que possa civilisar a Africa segundo o ideal do sr. Blyden, é de certo a portugueza. Esse ideal virá comtudo a realizar-se? E' já surpreendente ver um preto formular o seu sonho em phrases elevadas como as seguintes: «Nunca haverá na Africa uma Jerusalem, uma Athenas, uma Roma, ou uma Londres: mas á sombra das florestas hão-de crescer Bethlens e Nazareths, e nas Nazareths e nas Bethlens é que nascem os prophetas e os apóstolos... Nunca me senti tão perto de Deus como percorren lo as florestas africanas. As arvores, os passaros, o céu fallaram-me da grande obra que se ha de realizar n'esse continente. Sentia o pé e o coração ligeiros, sentia que um espirito sopra nos bosques.»

PINHEIRO CHAGAS.

ULTIMOS ADEUSES

«Saepe, vale dicto, rursus sum multa locutus»...
(Tendo-lhe dito a Deus por muitas vezes,
De novo lhe fallava em muitas coisas...)

OVÍDIO.—«Tristes.»

Nos mares do occidente
o sol, meu sol de inverno,
mergulha tristemente;
e o coração plangente
afoga-se-me ardente
n'um mar de gelo eterno...

A noite vae descendo
ás minhas pradarias;
ergue-se o espectro horrendo
das longas agonias,
e nos caminhos meus
enturva-se o porvir!



O CONDE DE FERREIRA

cerrou-se a noite! Adeus!
são horas de partir!

Adeus! Mas ouve, attende:
aquelle que se rende
à lei que lhe traçaste,
sente-se espedaçar,
qual se fosses soltar
a perola do engaste...

Adeus! Na longa treva,
em que hei de caminhar,
minha alma apenas leva
a luz do teu olhar;
e sabe Deus se a vida
verei, em conclusão,
absorta e consumida

n'esse fatal clarão!
Adeus! E que a ventura,
minha cruel madrasta,
te cerque a fronte casta
de extremos de ternura:
chovam as tuas plantas
as rosas do prazer
em tal profusão, quantas
as lagrimas amargas
que hei de por ti verter!

Em vão,—como o cantor
da estrophe dolorida,—
eu peço a Deus:—Senhor!
que o tempo, na corrida
não leve o meu amor,
porque é levar-me a vida!—

Em vão! E' tudo extinto,
menos a dôr cruciante;
e, ha! quanto, quanto sinto
dizer-te soluçante
que choro e que não minto

Encanto mysterioso,
meus sonhos côr de rosa,
anceios de almo gôso,
minha illusão formosa,
adeus! Mas ouve, escuta:
na hora da afflicção,
nos transes d'esta lucta,
não te maldigo, não!
porque te não darei
o fel que haurindo estou:
e amar, como eu te amei,
nunca ninguém amou!

Adeus! Vae teu caminho,
que eu sigo a estrada incerta
por onde vou sózinho
n'uma ampliação deserta...
não mais terás de ouvir
os ais e os cantos meus:
são horas de partir,
e para sempre! Adeus!

HAM DA LUZ.

EL-REI D. MANUEL

Por Manuel Bernardes Branco—1 vol.—Livra-
ria de J. A. Rodrigues, 186, rua do Ouro,
188—editor.

O erudito escriptor, sr. Bernardes Branco, sabendo agora a publico com um lindo volume de 454 paginas, nitidamente impresso na typographia do sr. Christovão Augusto Rodrigues, quiz tambem levantar um padrão de gloria ao venturoso reinado de D. Manuel. Poz lhe o singello titulo de EL-REI D. MANUEL, mas os typographos, «quicã offuscados pela magnificencia de semelhante reinado,» conforme nos diz o auctor, exaltaram esta respeitosa homenagem, alterando nos titulos a correr das primeiras paginas do livro o seu verdadeiro nome, que substituiram indevidamente pelo de SUA Magestade EL-REI D. MANUEL, formula sacramental, já hoje tão descolorida e gasta, que, a bem dizer, só tem cabimento nas folhas seccas do *Diario do Governo* ou nas campanudas allocuções das camaras municipaes em dia anniversario de annos realengos ou de algum assignalado triumpho da liberal Constituição. A este respeito o sr. Bernardes Branco dá um pequeno cavaco aos seus leitores, e aproveita bem o ensejo para inserir no seu livro esta curiosa nota:

«Só desde o tempo dos Filippes existiu officialmente o tratamento de *Magestade* para os reis de Portugal. Os nossos es-

criptores, porém, em vida de el-rei D. Manuel, por adulação, já lhe davam em seus escriptos esse tratamento.»

Não tem indice este livro. Enfado do trabalho, escacez de tempo, falta de paciencia, qualquer d'estas circumstancias seria porventura a causa que motivou essa omissão. Nem o chamado *lector benevolo* pôde fazer idéa da obra sem a ler, nem o critico mais sagaz e avisado desempenhará o seu ingrato officio sem a levar de cabo a... cabo.

Pois, senhores: se querem saber o que a obra é—leiam n'a. Para bem avaliarem d'ella, hão de, por força, lê-la. Muito boa gente conheço eu que affirma, na melhor boa fé, bastar-lhe passar pelos olhos o indice de um livro para logo formar juizo d'elle. Isto significa, pouco mais ou menos, que a illustração de taes leitores corre parelhas com a sabedoria enthesourada em muitos, senão em todos os livros. Assim se descartam de os ler. E contra esta indolencia do espirito nacional protestou, voluntaria ou involuntariamente, o sr. Bernardes Branco, não dando indice para o seu livro... E' uma pena!

Tambem se não vê aqui a costumada divisão por capitulos separados, com epigrapha indicativa do assumpto. Apenas quinze numeros romanos extremam as diversas partes do livro. E d'este modo continua a mesma *obscuridade*, antidoto efficaz contra a curiosidade pequenina da chronica inercia portugueza.

Não ha, pois, outro remedio, senão ler o D. MANUEL.
Começemos do principio.

Logo no *prologo* se vê que o sr. Bernardes Branco não escreveu por desfa-tio. O assumpto é que o tentou. «Esta epocha—diz elle—foi incontestavelmente a mais brilhante do nosso paiz. E ainda por toda a parte encontrámos recordações do venturoso monarcha, em cujo reinado Portugal tanto brilhou. Acolá a soberba egrêja matriz de Caminha! Aqui a Conceição Velha! A custodia e a Biblia de Belem! O jazigo do principe de Candia em Telheiras! A peça de Diu! A Casa dos Bicos! Os pelourcos, em Odivellas, com que os turcos bateram as muralhas da fortaleza de Ormuz!... Por toda a parte recordações d'este reinado tão celebrel!»

I

Este livro, á primeira vista, parece uma coisa que não é. Espera-se uma biographia. Alguns trabalhos anteriores do auctor, especialmente, AS MINHAS QUERIDAS FREIRINHAS DE ODIVELLAS, auctorisavam em certa maneira esta supposição. Mas, nada; nem uma palavra, ao menos, do «appetite juvenil» em que falla com bastante chiste o mavioso fr. Luiz de Sousa, que empregou essa expressão, *aplicando el cuento* ao grande rei. Com effeito, D. Manuel, havendo apenas seis mezes que era viuvo de sua segunda mulher, determinou «pôr em obra casar-se: e em idade crescida, com a casa cheia de herdeiros: e sobretudo com barbas brancas buscar mulher muito moça e com fama de formosa para madrasta de oito filhos.» Era a noiva a infanta D. Leonor, irmã de Carlos V, já muitas vezes publicamente pedida para mulher do principe D. João, a quem seu velho pae a tomou «para si em segredo e como a furto.» Este caso deu muito que fallar e o casamento era censurado em todas as conversações e corrilhos.

«Entretanto—diz fr. Luiz de Sousa—vinha caminhando para Portugal a nova rainha, desgostada tambem, como é de crer, da troca do esposo, por mais officios que em serviço d'el-rei faziam alguns ministros, affirmando que, se não era nos annos, em todas as mais partes de gentileza, entendimento e boa disposição, fazia o pae grandes vantagens ao filho! E para serem cridos, contavam do filho tantas insufficiencias, que chegavam a pôr lhe nomes indignos. Veiu a entrar a rainha por Castello de Vide em fim de anno seguinte de 1518, e el-rei a foi encontrar e receber na villa do Crato, acompanhado do principe. Contava, muitos annos depois, D. Brites de Mendonça, uma das damas que com ella vinham, e depois casou com Manuel Côrte Real, que a boa senhora, vendo aqui o principe, como espantada do que lhe tinham dito, e do que via por seus olhos, dizia para as damas com ironia, e ao parecer não sem magua: *Este es el bovo?*»

Não curou de taes miudezas o sr. Bernardes Branco, que abriu nobremente o seu curioso livro pela luzida embaixada portugueza que foi a Roma patentear a grandeza e a gloria das descobertas maritimas de Portugal. O seu D. MANUEL divide-se logicamente em quatro partes: a primeira compõe-se da immensa lista das nossas navegações e conquistas; a segunda é consagrada ás guerras dos infieis, que assolavam a Europa desde o norte até o sul, e shi avulta o valor dos portuguezes, que salvaram a Europa da barbaridade dos turcos; a terceira consta de um quadro geral do commercio no seculo XIII e nos antecedentes; e a ultima, da relação da viagem de Vasco da Gama, em que o auctor se soccorreu principalmente ao conhecido *Roteiro*, estampado em Lisboa em 1861 (2.ª edição) por Alexandre Herculano e pelo barão de Castello de Paiva.

«Quando D. Manuel subiu ao throno em 1497—diz o sr. Bernardes Branco—achou quasi prompta a frota que seu antecessor destinára para descobrimento da India.» Por aqui se vê que essa armada, a qual apenas constava de tres embarcações pequenas, a nau capitania *S. Gabriel*, capitão-mór Vasco da Gama, *S. Raphael*, capitão Paulo da Gama (irmão de Vasco) e *Berrio*, ca-



UMA SCENA DO «HAMLET»

pitão Nicolau Coelho, era o resultado de esforços e diligencias de muitos annos. Já accudiu á lembrança dos leitores o nome do infante D. Henrique, como associado d'essas arriscadas empresas, e é justamente por esse titulo que ainda hoje vemos erguida a sua estatua no venerando e magestoso portal de Santa Maria de Belém. A descoberta do novo caminho para a India foi, se póde dizer, o remate glorioso da grande epopeia maritima que o infante D. Henrique meditára no arido promontorio de Sagres, proximo de Lagos, d'onde elle expedia os seus navios.

Haviám sido descobertas as ilhas de Porto Santo, da Madeira e Desertas. O cabo Bojador, até então considerado o termo ordinario das navegações, foi dobrado por Gil Eannes, que passou além do cabo cincoente leguas. No Atlantico, Gonçalvo Velho Cabral, aportando á ilha de Santa Maria em 1433, inicia o descobrimento do archipelago dos Açores, e Pedro de Cintra, tocando na costa da Guiné, dirige-se para o sul até o cabo Mesurado, e a costa africana, desdobrando-se para leste, parecia abrir o caminho da India, que, para me servir das expressões do sr. Bernardes Branco, «estava traçado: para chegar ao remate, de n. da mais havia mister que de uma perseverança vulgar. O estado imperfeito da navegação foi só a causa que retardou os progressos das descobertas.» Outras muitas, e muito importantes, se fizeram ainda por esse tempo, e depois d'elles. De todas faz circumstanciada menção esta nova obra sobre EL-REI D. MANUEL, em que se encontram, profusamente espalhadas, assim as noticias historicas, como as noções geographicas. Aproveitará bem o tempo quem a lêr com a attenção que ella merece, e ha de colher juntamente grande copia de subsidios para o estudo da epocha, porque o seu auctor não faz mysterio de nenhum d'elles. Pelo contrario, indica-os aos seus leitores com a máxima franqueza.

II

Afóra isso, tem algumas paginas muito interessantes o novo livro do sr. Bernardes Branco. Referimo-nos principalmente ás que apresentam exemplos, em prosa e verso, do portuguez usado em Cochim, Diu e Ceylão. D'elles faremos aqui alguns pequenos excerptos.

Portuguez de Cochim:

CANTIGA

Com sangui de proprio veas,
Bella noite escreveu,
Com poucas letras jamais que diga
Eu hei de amar até morrer,
Eu ha de amar a ti,
Tu ha de amar a mi,
Eu ha de amar até morrer.

Portuguez de Diu:

Papagai ve d
Com bico du lacre,
Levai esta cart
Aquell ingrata.

Portuguez de Ceylão (parabola do filho prodigo):

«Per hum certo homem tinha dous filhos.

«E o mais moço d'elles já falla per o pai, Pai, dá par mim o quinhão, a fazenda que par mi te compete. E elle já reparti per otros seus bens.»

Contém este livro ainda uma pagina relativa ao descobrimento dos Açores, especialmente das ilhas das Flores, Graciosa e Corvo, assumpto em que «muita obscuridade reina,» segundo as expressões do auctor, que em verdade tocou n'este ponto de fugida, alludindo apenas a elle.

«Ha divergencia a respeito das datas—escreve o sr. Bernardes Branco—e nem sequer sabemos alguma cousa de positivo acerca da descoberta da ilha das Flores e da Graciosa. Estão porém concordes em representarem estas ilhas como totalmente deshabitadas antes da chegada dos portuguezes. Pretendem até mesmo que n'ellas não encontraram um quadrupede sequer. Todavia havemos observado que os mappas do seculo XIV indicam algumas paragens. A estatua equestre que pretendem haver sido achada pelos primeiros colonos na ilha do Corvo, e que, no dizer de uns, apontava com o dedo para o ceste, ou, no sentir de outros, fazia signal aos viajantes para que voltassem para traz, nos tem igualmente parecido a prova de uma descoberta anterior.»

Não sabem as quaes são os mappas a que se refere o auctor do D. MANUEL. Mas, Garção Stockler, no seu *Ensaio historico sobre a origem e progresso das mathematicas em Portugal*, não obstante reconhecer a existencia de uma carta com a data de 1413, «impugna a exactidão da data, por ella conter as ilhas do Atlantico, que, segundo acreditava, não foram descobertas senão depois pelos maritimos do infante D. Henrique¹. Não é da mesma

opinião o notavel escriptor inglez, o sr. Henry Mayor, e remette o leitor para o capitulo da sua obra intitulado, *Raios de luz* (que é impossivel resumir n'este lugar), pretendendo que abi se demonstra a verdade do seu asserto. Como se vé, o assumpto tem sido bastante controvertido, mas por enquanto não parece que se tenham adduzido razões sufficientes para se affirmar com segurança que a descoberta dos Açores não foi feita por indicação e mandado do infante D. Henrique.

Quanto á estatua equestre da ilha do Corvo—é simplesmente uma lenda, cuja formação tem a sua historia, como tudo. Bem mostraram a importancia que se lhe deve dar os distinctos escriptores insulanos, José de Torres e Accurcio Garcia Ramos. Eis o que este escreveu a tal respeito a pag. 130 da sua curiosa *Noticia do archipelago dos Açores*:

«Este rochedo-estatua, que uma illusão optica capituloou monumento de arte, sendo apenas capricho de erupções lavicas, foi motivo de fabulas, que tomaram visos de realidade desde que um chronista nosso, Damião de Goes, meio seculo depois, as architectou sem commentario nem a mais ligeira sombra de critica. Muitos escriptores do seculo XVI fallam d'este curioso monumento, mas provavelmente foram todos echo de uma tradição, que deve ser collocada ao lado dos contos orientaes e romances de encantamentos. O sr. José de Torres, escriptor distincto e um dos homens mais conhecedores das cousas açorianas, n'uma memoria importante (*Revista dos Açores*, t. II.) demonstrou a toda a luz que nenhum documento ou indicio consideravel confirma o que se escreveu acerca d'aquella estatua e fez ver claramente a impossibilidade historica de semelhante achado.»

O sr. Henry Mayor, não obstante admittir ainda as côrtes de Lamego, expungiu da sua magnifica obra *Life of prince, Henry the navigator*, a celebre lenda da estatua equestre. Depois de citar Faria y Sousa e M. Boid sobre o assumpto, conclue por estas palavras:

«D'este modo pudemos comprehender que a configuração phantastica de um rochedo vulcanico desse origem ao conto de uma estatua equestre que os eruditos não hesitaram em attribuir aos cartaginezes e aos phenicios, os quaes, perfeitamente sabemos, eram mui pouco propensos a apontar o caminho dos descobrimentos ás nações competidoras.»

E' certo, porém, que as taes rochas, vistas de longe, semelhavam exactamente uma estatua equestre; e o meu nobre amigo, o sr. visconde de Castilho, que viajou ha annos nos Açores, e os observou com esclarecida attenção, pintou melhor que ninguem a fabulosa estatua. Ouçamol-o, que dá prazer:

«Quero referir me á estatua equestre colossal de granito, avistada, segundo alguns, n'um cabo d'este ilhéu (o Corvo), arrogante, solemne na sua rude magestade, e apontando com gesto audaz para o sudoeste, como quem diz:—Americas!

«Pois (em que peze aos amigos do grandioso) não existe lá tal estatua. São estas as informações mais veridicas. Algum aspecto dos penhascos no focinho de alguma saliencia da costa, alguma accumulção de rochas cuja fórma se aproximava da figura humana, originou inconscientemente o romance. A natureza tem d'estes caprichos.» (*Ilhas occid. do arch. açoriano*, pag. 40.)

Concluo por dar os meus agradecimentos ao acreditado livreiro-editor, o sr. José Rodrigues, pela delicada offerta de um exemplar da nova e importante obra do auctor do *Portugal na epocha de D. João V*.

ALBERTO TELLES.

ASPIRAÇÃO

(Excerpto)

Ella não era bonita.

Tinha, porém, uns grandes olhos pretos, impregnados de sua vidade, que a tornavam attrahente. Vestia-se bem, com elegancia e riqueza. A sua pelle, alva como a açucena, nunca sentira o contacto do arminho a manchal-a de *veloutine*.

Mandára pôr o coupé ás 9 horas—Abria S. Carlos!—Era doída por musica; sempre tivera camarote.

Mas, como se fosse a primeira vez que ia ao theatro, sentia um vago receio de que qualquer obstaculo a prendesse n'aquella noite!

Subira o panno quando ella entrou.

Vestia de velludo preto, com um broche de esplendidos rubis a fechar-lhe o corpete.

Elle já estava em scena, e cantava, com a sua voz setinosa, um duetto de amor.

¹ *Vida do infante D. Henrique* (traducção) pag. 109 e 110.

Havia muitos annos que o não via; encontrava-o, porém, exactamente o mesmo.

Um pouco mais alto, mais nutrido, mais *gentleman*.

Call não o amára nunca; apenas, em creança, sentira por elle um enleio, que a fez corar, um prazer que a fizera sorrir. Agora, fôra a curiosidade que a levára ali.

Elle continuava, apaixonado e romantico, insinuante e gentil, a cantar *com a alma*, electrizando os homens e deslumbrando as mulheres.

Ella, extasiada ante aquella figura tão extraordinariamente atrahente, magnetizada pelo som d'aquella voz amorosa, *vivia* o bastante para sentir que elle não tivesse um bocadinho mais de vigor no registro medio.

Queria-o perfeito!

Começa a *Tentação*: notas de crystal tremiam no ambiente perfumado; a luz electrica dava uns tons de luar á sala.

Call inclinava a cabeça; o seu perfil, modelado em marmore de Paros, tornara-se de uma palidez assustadora; apenas os olhos, scintillantes e ardentes, como os rubis do broche, fulgaravam da intensa chama de toda a sua vida. Uma lagrima de fogo resvalou no peitoril, que a absorveu discretamente; e, dos labios humidos de Call evolou-se, subtilmente, a aspiração do seu coração de mulher e de artista:

«Se eu fosse Margarida!...»

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVRAS

O GENERAL LE FLO

Falleceu ha poucos dias em Morlaix (França) o general de divisão Le Flô, ministro da Guerra da Defeza Nacional, antigo embaixador de França na Russia. O general Le Flô (Adolpho Emmanuel Charles) nascera em Lesnevau (Finisterra) a 2 de novembro de 1804.

Educado na escola militar de Saint-Cyr em 1823, nomeado alferes em 1825 e tenente em 1830, passou á Africa nos primeiros dias da conquista, portando-se ali da maneira a mais brilhante, na tomada de Constantina e do estreito de Moudraia, em 1840. Por estes bellos serviços, foi nomeado commandante de batalhão, passando a tenente coronel em 1841, a coronel em 1844 e a general de brigada em 1848. D'esta data em diante, o general Le Flô desempenhou um papel muito activo e muito importante na politica franceza, servindo sempre com amor e lealdade a sua patria.

O heroe d'Africa, o habil diplomata de S. Petersburgo, era gran cruz da Legião de Honra e da Ordem de Santo André, distincção de que o soberano russo não é muito prodigo.

O CONDE DE FERREIRA

Morreu ha uns poucos d'annos, este benemerito, e o seu nome é ainda lembrado e coberto de bençãos.

Falleceu a 25 de março de 1866, no Porto, legando réis 100.000\$000 para estabelecimentos de beneficencia e 7.000\$000 réis aos recolhimentos e asylos de educação.

Isto seria realmente muito para quem toda a sua vida vivera obscura e modestamente. Mas o conde de Ferreira fez mais. Deixou 177.000\$000 réis para a construcção de 120 escolas primarias para ambos os sexos.

Ao sentir arrefecer o corpo extenuado de assiduo trabalho, o prestante cidadão escrevia, por mão do seu amigo, o sr. Domingos de Almeida Ribeiro, as seguintes palavras:

«Convencido de que a instrucção publica é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que os meus testamenteiros mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escolas primarias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com accommodações para vivenda de professores, não excedendo o custo de cada casa e mobilia a quantia de 1:200\$000 réis; e prompta que esteja cada casa, será a mesma entregue á junta de parochia em que for construida, mas não mandarão construir mais de duas casas em cada cabeça de concelho, e preferirão aquellas terras que bem entenderem.»

O conde de Ferreira não era pois simplesmente, como muitos suppunham, um negociante preocupado com a cotação dos fundos publicos; pensava nas creanças da sua patria, que o mes-

mo é dizer que tinha presentes as miserias da viuvez, da orphanidade, do desamparo; pensava na desgraça extrema da loucura, e que fez com que destinasse o remanescente dos seus vastos capitales para fundação e dotação de um hospital de alienados; pensava nos desconfortos da doença, e meilitava n'aquella clausula do seu testamento que auctorisa a santa casa da Misericordia do Porto a manter uma enfermaria de vinte doentes tratados homeopaticamente.

O conde de Ferreira, pensava, emfim, no que seria a virtude desamparada da riqueza, e portanto legava um dote de 500\$000 réis a cada menina pobre que pensasse em legitimar perante o altar as mais santas aspirações do seu coração affectuoso.

Ah! pouco importava que o conde de Ferreira houvesse ascendido a grande altura na escala das honras sociaes; que houvesse, chamando-se simplesmente Joaquim Ferreira dos Santos, sido nomeado barão de Ferreira a 7 de outubro do 1842, visconde do mesmo titulo a 21 de junho de 1843, e conde a 6 de agosto de 1850, e commendador da ordem de Cristo, e par do reino, e gran-cruz da ordem hespanhola de Isabel a Catholica.

O conde de Ferreira havia supplantado, na hora do passamento, todas as honras que um titular portuguez pode invejar. Passando toda a sua vida a pensar no trabalho e na caridade, na sua riqueza e nas angustias dos outros, o conde de Ferreira sobrepujára a obscuridade do proprio nascimento, e dizia á sua patria, aos seus concidadãos, e ás gratas recordações da sua mocidade trabalhosa e preocupada: «Eu não morrerei todo, porque a caridade não morre.»

UMA SCENA DO «HAMLET»

A gravura que hoje demos, representa a grande scena da immortal e bem conhecida tragedia shakespeareana, em que uma companhia de comicos ambulantes representa, diante da cõrte, por indicação de Hamlet, a *Morte do rei Gonzaga*.

E' copia d'um esplendido quadro do afamado pintor hespanhol, D. Salvador Sanchez Barbudo, premiado na Exposição Nacional de Bellas Artes, de Madrid.

MODAS

Damos hoje dois lindissimos figurinos, copia de dois vestidos feitos n'um dos primeiros *ateliers* de Paris.

1.º Toilette fantasia de duas lãs, lisa e escosseza. Saia escosseza, armada em machos ao alto; avental de lã lisa, da mesma cõr. O avental é guarnecido do lado esquerdo com um voltado, preso com um botão, e forrado da fazenda escosseza. Puf escossez, cobrindo a saia atraz. Corpete de bico, da fazenda escosseza, abotoando ao lado, com um só botão, e abrindo sobre uma camizinha de surah. Gola á militar, prendendo na parte inferior ao capote. Mangas lisas, com canhões em bico, de surah crame.

Faz-se esta toilette com 10 metros de lã escosseza e 2 de lã lisa, fazenda larga.

2.º Toilette para visitas, em «peau de soie».

Saia pregueada em avental, coberta de um lado por duas quilhas de velludo, guarnecidas com um bordado em relevo; quasi ao meio-da saia, uma «chatelaine» de fitas, terminando com um bom ornato de passamanaria; corpete curto de rebuços, abrindo sobre um collete, bem comprido, de velludo. Mangas lisas com canhões de velludo.

Fazenda para este vestido: 22 metros de «peau de soie» e 2 metros de velludo.

Serve de remate a esta toilette uma capota de «peau de soie», guarnecida com um rufo de crepe cõr de roza e um laço de fita.

EGREJA DA NAZARETH

Foi construida em 1377, e reedificada e ampliada mais tarde pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II. El-rei D. Manuel cercou-a de alpendres. No anno de 1600 fez-se-lhe o portico com as escadas. No tempo de D. Affonso VI construiu-se-lhe uma capella-mór, de boa e custosa fabrica, e com um retabulo de elegante esculptura, tudo á custa dos rendimentos da confraria e das esmolas dos fleis. Nos ultimos tempos teem-se-lhe feito diversos melhoramentos.

A nossa gravura representa a fachada da igreja como ella é na actualidade.



(1)

MODAS

(2)

A NOITE DE MAIO

(DE ALFRED DE MUSSET)

(Fragmento)

A MUSA

Poeta, empunha a lyra, eu sou essa immortal
 que te vi esta noite afflicto e silencioso,
 e, cecendo dos céus, venho chorar teu mal,
 ave a quem supplicou seu filho em tom saudoso.
 Vem; tu soffres, amigo, o enfado solitario
 consomo-te, e, no seio aninhas a amargura;
 é que talvez guardaste ali, como em sacrario,
 um sonho de prazer, um esboço de ventura.
 Vem: cantemos a Deus, cantemos a tua vida,
 o teu prazer passado, a tua dôr perdida;
 partamos, entre um beijo, a ver novas regiões,
 fçamos resoar os echos da saudade,
 e fallemos de gloria, amor, felicidade,
 embalados de um sonho em fulgidos clarões.
 Busquemos esquecer a vida em qualquer parte,
 vamos, nós somos nós, e os ceus o nosso tecto.
 Eis a Escossia florida, a Italia, berço de arte,
 e a Grecia, a nossa mãe, que tem o mel do Hymeto,
 Argos e Pteleon, cidade de hecatombas,
 e Messa que sorri, divina, ás brancas pombas,
 do Pelion cabelludo a fronte cambiante,
 o Titaresio azul e o golpho scintillante,
 que mostra no seu espelho, ao qual a flôr se mira,
 a alvura de Oeossona á alvura de Camyra
 Dize, que sonho de ouro havemos de afagar?
 onde iremos, aonde, as lagrimas buscar?
 De manhã, quando a luz, á tua cabeceira,
 teus cabellos dourou, que serafim alado,
 uns lyrios esfolhava em tunica ligeira,
 contando te, em voz baixa, o seu amor sonhado?
 Cantaremos a esperança ou a tristeza e a dôr?
 Regaremos, com sangue, a lucta mais cruel?
 Sobre a escada de seda o amante iremos pôr?
 Deitaremos ao vento e espuma do corcel?
 Mostraremos a mão que, dia e noute, além,
 nas lampadas do céu, accende esse fulgor
 da santa luz do eterno amor?
 Diremos a Tarquinio: «E' tempo, a sombra vem:»
 Iremos descobrir a perola no mar?
 Levaremos a cabra aos prados a pastar?
 Abriremos os céus á nossa irmã tristeza?
 Iremos ver caçar em montes escarpados?
 Ao caçador implora a corça, sem defeza,
 enquanto a estão esperando os seus filhos amados;
 e elle sem dó, matando-a, atira aos cães, em suor,
 o coração que pulsa ainda como em vivo.
 Pintaremos na tela a virgem que o rubor
 purpurêa, se a segue um pagem pensativo,
 quando á egreja ella vae, da mãe acompanhada,
 esquecendo a oração, a sua fé sagrada?
 veremos que ella treme, olhando para o altar,
 e estremece, sentindo a espôra resoar?
 Diremos aos heroes da nossa França antiga
 que subam novamente ás torres creneladas,
 fazendo resurgir medieval cantiga,
 que o trove ro cantou ás glorias olvidadas?
 Vestiremos de branco a morbida elegia?
 Bonaparte virá contar o que fazia
 e, do rebanho humano, as rezes que matou,
 antes de ter chegado á terra o anjo da noite,
 que o prostrou pelo chão, vibrando o eterno açoite,
 e, no seio de ferro, as mãos lhe entrelaçou?
 Iremos amarrar ao poste do humorismo
 um pamphletario vil, que rola pelo abysmo
 da fome e da miseria, e a quem o esquecimento
 lhe faz, cheio de inveja, e, em critica blasphema,
 do genio conspurcar a aspiração suprema?
 Vibra a lyra, desfere-a em cantos festivaes,
 faz-me as azas tremer a flôr da primavera.
 Leva-me o vento ao espaço, aos páramos ideas,
 Uma lagrima tua! E' tempo. Deus espera!

O POETA

Minha irmã, se o teu desejo
 é do carinho de um beijo
 que em lagrimas vae findar,
 Tudo farei, musa querida,
 mas, recorda a nossa vida
 ao ires no céu entrar.
 Não canto a esperança, o alento,
 a gloria ou qualquer paixão,
 nem sequer o soffrimento.
 Calo-me, e, n'este momento,
 falla só meu coração!

PENSAMENTOS E APHORISMOS

Succede não raro com as mulheres o mesmo que com o dinheiro: recebem-se para se pôrem de parte.

O amor tem por patria o céu e a terra. Muitas vezes um dos amantes habita no céu quando o outro habita na terra. Um ama em verso, outro em prosa.

Qual dos dois é mais poeta?

No reino do amor a moeda falsa tem curso forçado. Ninguém recebe oiro de lei.

Os sentimentos mais sublimes teem um cucho duvidoso e o coração mais apaixonado encerra muita liga.

Em tal reino os loucos são os sábios, os sábios são os loucos.

De modo que vale mais enganar do que ser enganado.

Um Atheniense fulminou um Espartano com este magnifico remoque: «Respeita os meus vicios, porque são maiores que as tuas virtudes.» Nós estamos longe de ser o que eram os Espartanos ou os mesmos Athenienses. Entra nós a paixão deixou ha muito de ter aquella rude franqueza d'out'ora; o filho prodigo mata por suas proprias mãos o bezerro gordo ao commetter a primeira loucura; outro, que em pleno dia atira com o dinheiro pela janella fóra, desce a escada açodadamente, apenas anoitece, para apanhar os ceitis que possam ter ficado na rua.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Não perde nem ganha este jogo.—2—2.

No A B C nota este nome de mulher e esta planta—1—1—2.

Esta pedra é mulher e planta—2—2.

Mãe é Deusa?—1—1.

▶taro é insecto?—1—1—1.

Gasaco é animal?—1—1—1.

Epiderme é instrumento?—1—1—1—1.

Canana é quadrupede?—1—1—1.

▶man é arvore?—1—1.

▶rmada é medida?—1—1—1.

J. L. PERPETUA.

Não vás além da primeira—1.

Procurar um animal;—2.

Podes encontrar poeta

Ou antigo general.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

(A João Baptista Ramos)

■ on cher, se é do teu agrado
 Atura por um bocado
 Esta minha maçadinha,
 A qual vae encapotada
 E, creio, bem disfarçada
 Em singela charadinha.

► primeira, meu amigo,
Sem rodeios eu te digo,
Mais não olhes para o tecto
Para com ella atinares;
Só te basta procurares
Simplesmente no alphabeto.—1

■ e para porém no resto
E com elle faz te testo,
Pois se não usas de manha
Não vé,—esta é a verdade,—
Segundo dizem, cidade
Da nossa vizinha Hespanha.—2

■ ndicar-te vou agora
Sem a minima demora
Que no todo é encontrado
Um fructo mui saboroso;
Se o achas appetitoso
Eu t'offerto de bom grado.

► inda é certo logar
Que em Portugal has de achar,
Onde, horas deliciosas
Gozaste, alegre, risonho,
E ao qual te ligam—supponho,—
Recordações amorosas.

MATHEUS JUNIOR.

Legogripho

(DUPLO)

Dedicado ao incansavel charadista, Antonio Rodrigues Branca

8, 3, 6, 4, 6, 7, 2—Cidades—1, 2, 3, 4, 6, 2, 4
6, 2, 4, 4, 2—Cidades—1, 2, 4, 5, 7
4, 5, 3, 2—Cidades—7, 5, 4, 8
8, 3, 2, 7—Cidades—7, 2, 3, 5
5, 3, 8, 5, 7—Cidades—5, 4, 2, 7, 2
1, 2, 3, 6, 8, 7, 2, 7—Cidades—8, 3, 2, 8, 7, 2, 7, 5
1, 5, 3, 1, 2, 7, 7, 5—Cidades—1, 2, 3, 6, 2, 7, 7, 2
1, 5, 7, 2, 4, 5—Cidades—3, 6, 4, 4, 6, 2
7, 2, 3, 7, 6—Cidades—1, 5, 6, 3, 2
5, 3, 6, 2—Cidades—5, 3, 2, 7
7, 2, 6, 1—Cidades—8, 5, 8, 5
8, 6, 7, 8, 6—Cidades—7, 2, 6, 3, 7
1, 2, 7, 6, 4, 2—Cidades—1, 5, 3, 2, 7, 5
3, 6, 1, 6, 7, 6—Cidades—1, 2, 7, 2, 1, 2

No todo ver ha-de
Ainda cidade.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Assassino—Adonis.
DO LOGOGRIPHO:—Urubú.

EXPEDIENTE

O primeiro a enviar a esta redacção a decifração exacta da charada posta a premio no ultimo numero, foi o sr. Antonio Martins Churro, de Castello Branco.

Cabe-lhe, portanto, o premio offerecido pelo auctor.

O premio da charada do n.º 17, coube ao sr. Antonio Maria.

A RIR

N'um tribunal:

Juiz—O sr. não só roubou o desgraçado, mas deu-lhe 14 fa-

da

Réu—Eu tinha-lhe dado só 13, mas lembrei-me de que era numero de azar e por isso é que voltei a traz a dar-lhe mais outra.

*

Entre duas senhoras casadas:

—Já leste o novo romance de F.? A idéa é nova e original, uma mulher que ama o marido.

—Ai que inverosimilhança!

UM CONSELHO POR SEMANA

EBANO ARTIFICIAL

Tomam-se 60 partes de carvão, obtido de algas marinhas e tratado pelo acido sulphurico. Secca-se, reduz se a pó e juntam-se-lhe 10 partes de colla liquida, 5 partes de gutta percha, e 2 e meia partes de gomma elastica, dissolvidos estes dois ultimos corpos em oleo de naphtha. A esta mistura-se encorporam se 10 partes de oleo de alcatrão, 5 partes de flôr de enxofre, 2 partes de alumen pulverisado e 5 de resina em pó.

Aquece-se a massa a 150º centigrados. Depois de fria e solidada, constitue uma substancia dura e susceptivel de tomar bellissimo polido, imitando perfeitamente o ebano.

POEMETOS EM PROSA

Introdução

Nos bons tempos do amor e das serenatas, quando ascendiam dos miranetes floridos as olencias estonteadoras da madresilva e as tremulinas melancolicas dos rouxinoes, que suspiravam, ternos e lacrymosos, sobre o elmo de granito dos velhos brazões heraldicos; quando, n'esses mirantes, aos desmaios d'um luar opalino, appareciam as lyricas princezas que vinham escutar as mandolinas soluçantes dos donzeis enamorados e pallidos; n'esse tempo, os Poetas, que, em festins realengos, libavam preciosos vinhos de Creta em preciosas taças de oiro esmaltado, os Poetas, sublimes desvairados, que seguiam ao longo dos caminhos arrastando as tunicas brancas, costumavam principiar os seus poemas com uma invocação á Musa, á grande deusa, cujas roupagens roçaram já pela frente luminosa do luminoso cego de Chios e pela frente de tantos e tantos outros immortaes que hoje vivem na grande vida pantheista, transformados em myrthos, em cedros, em roseiras, em lyrios.

Hoje tudo isso acabou. O tempo das cavalgadas e dos torneios, o tempo dos bandolins e dos pagens, estiolou-se e morreu, como uma nuvem que se esgarça n'um ceu de turqueza.

Mas; eu que, melancolico e saudoso, contemplo de quando em quando essa idade galante e affalgada, eu que, n'este seculo de prosa, ainda gosto de ver os velhos missaes illuminados, as velhas ruinas solarengas e os desbotados pasteis das velhas galerias, eu, que agora começo estes *Poemetos em prosa*, venho ajoelhar-me em tua frente, ó doce Musa! e venho pedir-te que desças sobre mim os teus grandes olhos candidos...

I

Noite de Maio

Noite de maio. Mãos nos bolsos, olhos em terra, acabrunhado e entristecido, fui seguindo á beira do mar, pela areia, ouvindo a litania rythmada das ondas que se partiam arquejantes e doloridas. Lá em cima, na concha do azul, o formigueiro dos astros tinha estremecimentos de luz: e as nuvens, slastrando-se, movendo-se, ora davam a silhueta d'uma esphinge, ora se transformavam dando a impressão d'um perfil, ou o recorte phantastico d'um palacio.

Eu continuava a seguir á beira do mar, contemplativo, abstracto. De repente, vi roçar pela praia um pequeno batel. Dentro d'esse batel vinha um homem corpulento e vigoroso, que desembarcou junto n'um grande rochedo. Approximei-me e disse-lhe não sei o que. Elle respondeu-me cortezmente e disse-me que era pescador de perolas: contou-me as suas maguas, a dureza da sua vida. e ao despedir-se de mim, mostrou-me uma perola negra, uma riquissima perola que faria inveja ás celebradas joias do thesouro

O homem affastou-se. E eu, continuando a seguir á beira das aguas, pensei commigo:

—Esse pescador é mais feliz do que eu: trabalha constantemente, entregando a vida aos caprichos do mar, mas ao cabo dos seus labores consegue encontrar a perola valiosa: eu, ao contrario, trabalho, lucto, sem descanso, sem tregua, e não encontro nunca essa almejada perola do amor.

Calei-me. Fui-me affastando da praia e dirigi-me para um monte que havia perto. Começava a subir a pequena vereda tortuosa, quando dei com uma fenda escura e profunda, aberta no solo. Entrei: era uma mina de diamantes. Fui caminhando ao longo da estreita galeria onde pairava uma frieza glacial, quando vi tremeluzir ao longe uma pequena luz avermelhada, que se aproximava de mim: era a lanterna d'um mineiro que acabara o seu trabalho e recolhia para casa, morto de fadiga.

O mineiro contou-me, minuciosamente, as difficuldades que havia em encontrar os diamantes. Era um rapaz ainda novo, mas o ar da mina inutilizára-o quasi completamente: pallido e macilento, as olheiras profundas, o corpo dobrado, parecia um morto. Voltei para traz, acompanhando o.

Era uma creança enamorada, que vinha chorar a sua noiva, a sua linda noiva, que morrera.

De quando em quando a pobre creança collava os labios desbotados á pedra do mausoleu, e dizia umas palavras entrecortadas de soluços: e lá de dentro do tumulo respondia-lhe uma doce voz acariciadora: era a sua noiva, a sua noiva morta, que lhe respondia.

E ouvindo esse dialogo, pensei commigo:

—Esse rapaz é mais feliz do que eu: morreu-lhe a noiva, e em noites de luar vem conversar com ella, que lhe responde: mas eu chamo por ti, constantemente, e nunca tenho resposta, meu amor, meu amor...

II

Os Pyrilampos

Na vespera do noivado, os dois noivos foram sentar-se n'um banco d'azulejos, ao fundo do jardim, sob o docel branco d'uma amendoeira em flôr.



EGREJA DA NAZARETH

Quando sahimos da mina cortejou-me e desapareceu.

E eu, tomando por um caminho orlado de cyprestes, pensei commigo:

—Esse pobre rapaz é mais feliz do que eu: lida sem cessar, suicida-se lentamente nas galerias humidas da mina, mas, em compensação, encontra de quando em quando um diamante precioso, cujo fulgor illumina os seus olhos mortiços e encovados: e eu, ao contrario, vou me tambem suicidando lentamente debaixo da tua janella, mas nunca vejo os teus olhos, esses dois diamantes pretos, ó minha bem-Amada!

Calei-me. Continuei a seguir ao longo d'esse caminho orlado de cyprestes. De subito vi um grande portão de ferro. Approximei-me: era um cemiterio. Encostei-me a um jazigo de marmore em forma de capella. Perto de mim, o coveiro, um velho espectral e sinistro, abria uma cova. Ao vel-o, tão embebido na sua tarefa, murmurei baixinho:

—Esse pobre coveiro é mais feliz do que eu: passa a vida enterrando os velhos e as creanças, friamente, corajosamente: eu, ao contrario, esforço me em abrir uma grande cova, gasto n'esse trabalho todas as minhas forças, mas não consigo sepultar este amor, este perfido amor que me devora.

Calei-me. Voltei a cabeça e vi uma creança loira, um rapaz dos seus dezeseis annos joelhado em frente d'um jazigo.

As mãos unidas, a cabecita d'ella descabida no hombro d'elle, os dois conversavam baixinho, muito baixinho, as boccas quasi juntas.

—Que linda noite! murmurou Beatriz, abrindo os seus grandes olhos verdes...

Lourenço, o noivo, levantou a cabeça e poz-se a olhar para o ceu picado de estrellas.

De repente, o seu olhar turbou-se, melancolicamente, e uma lagrima resvalou-lhe pela cara.

—Que tens tu, meu amor? perguntou Beatriz assustada.

E elle, explicou:—ao ver as estrellas, lembrára-se do bello effeito que fariam dois diamantes, nos cabellos loiros da sua noiva, mas—pobre d'elle!—era tão pobre...

Calou-se, cheio de magoa.

Dois pyrilampos appareceram então, muito luminosos. E avoejando n'um zig-zag de luz, os pequeninos insectos foram-se aproximando dos dois noivos e poisaram por fim nos cabellos de Beatriz...

EUGENIO DE CASTRO.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica